

RESENHA:

TRABALHO IMATERIAL: FORMAS DE VIDA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE DE MAURIZZIO LAZZARATO E ANTONIO NEGRI

AS TRANSFORMAÇÕES INACABADAS DO PROCESSO DE TRABALHO

Paulo Peixoto de Albuquerque¹

Assim como homem algum consegue imaginar a si mesmo sem o coração e a mente que lhe foram dados, assim também nenhum homem de uma época posterior poderá realmente saber como era viver naqueles dias se não julgar aquilo que hoje conhecemos a partir de outros critérios ou parâmetros. Se antes as pessoas só conheciam de certo aquilo que tinham, hoje com certeza não nos contentamos mais a viver só com isso.

O livro de Maurizio Lazzarato e Antonio Negri trata exatamente disso: conhecer aquilo que tínhamos e não nos contentarmos com as explicações validadas por uma lógica generalizante e abstrata. O livro, Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade busca apresentar e discutir as mudanças dos processos de trabalho. São ensaios que articulados permitem visualizar um puzzle, no qual o eixo condutor é a reflexão sobre o trabalho, não somente como práticas sociais localizadas e datadas, mas como processo determinado por pedagogias e legitimadas por instâncias representativas de determinados modelos de gestão da produção industrial. Apresenta e Discute as transformações da noção de trabalho em relação ao modelo de produção industrial.

O primeiro ensaio trata do Trabalho imaterial e subjetividade; este texto aponta as transformações das condições gerais de produção do modelo de produção taylorista-fordista, do deslocamento do operário fordista e do reconhecimento de outro tipo de centralidade do trabalho vivo, não mais determinado pelas condições técnicas e materiais do processo produtivo, mas pelo que o autor chama de “ciclo do trabalho imaterial” e por uma virtualidade ainda indeterminada, mas que já contém todas as características da subjetividade pós-industrial.

¹ Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professor do Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional de Educação na Saúde e da Faculdade de Educação tendo por área de interesse e de pesquisa :As alterações do processo de trabalho, suas transformações, alternativas e Espaços educativos não formais.

A análise nos pareceu significativa e interessante de apresentar aos leitores desta Revista, porque ao apontar para alguns aspectos constituintes do poder e da compreensão dos sujeitos sociais, pode abrir pistas de investigação e reflexão sobre as mudanças nos processos de trabalho na área da saúde:

- a) as transformações das condições gerais de produção que agora incluem a participação ativa dos sujeitos, considerando o General Intellect como capital fixo sujeitado à produção e toma como base objetiva a sociedade inteira e sua ordem determinando uma modificação das formas de poder.(39)
- b) o caráter ambíguo e contraditório das formas de legitimação que antes se visualizavam com certa coerência, hoje se apresenta atravessadas por formas deslegitimação antagônicas; (39)
- c) que a revolta e a reapropriação da máquina da comunicação são operações necessárias, mas não são suficientes, se a revolta e a reapropriação não se encarnam em um processo de liberação da subjetividade que se forma no interior das máquinas de comunicação, elas não foram mais do que “repropor” sobre novas vestes a velha forma...”(40)

Mais do que aspectos formais de uma mudança no processo produtivo, nos parece que o ensaio aponta para alguns pressupostos epistemológicos de se pensar o trabalho a partir da construção de conceitos que não se contentam com a “verdade” na forma de tautologias, mas a partir de outra ordem não causal ou classificatória, onde o novo sujeito, com poder constituinte, potencia o consumismo, se apresentam de forma descontínua no interior do mundo do trabalho.

O segundo ensaio trata do ciclo da produção imaterial; evidencia as novas características do ciclo da produção deste ciclo a partir do confronto entre produção da grande indústria e dos serviços.

“se o ciclo da produção imaterial nos mostra imediatamente o segredo da produção postaylorista (vale dizer que a comunicação e a relação social que a constituem tornam-se produtivas), é interessante verificar como estas novas relações sociais enervam também a indústria de serviços. E como eles obrigam a reformular e reorganizar também as formas clássicas da “produção” (Pág. 43).

Ao apresentar as diferenças específicas do ciclo do trabalho imaterial:

- a) Que o trabalho imaterial se constitui em formas imediatamente coletivas e não existem por assim dizer, senão sob a forma de rede e fluxo. A submissão à lógica capitalista dada forma de cooperação e do “valor de uso” desta atividade não tolhe a autonomia e a independência da constituição e do sentido. Ao contrário, ele abre antagonismos e contradições que, para remeter a uma fórmula marxista, podem no mínimo uma “nova forma de exposição e que a cooperação neste processo é uma forma de submissão capitalista”. (50)
- b) O “produto ideológico” torna-se pra todos os efeitos uma mercadoria e produz novas estratificações da realidade, novos modos de ver, de sentir.
- c) O público tende a tornar-se o próprio modelo do consumidor (público/cliente).
- d) A inovação tendo por equivalência a transformação continua da vida que desvia ao mesmo tempo em que se produz nas formas de vida.

O significativo deste texto é que ele aponta para o debate da pós-modernidade naquilo que ela tem de difuso e confuso; ele se situa na linha da crítica ao modelo industrial querendo esclarecer algumas questões, a perda da hegemonia e da racionalidade do processo produtivo fordista por uma nova definição

do trabalho pautada por uma nova estética e uma nova definição do trabalho.

Nesse sentido, o texto faz a crítica da modernidade e para quem o lê, dois elementos parecem ser chaves da análise: o primeiro diz respeito ao ponto de vista sócio-político. Se pode dizer que os alvos da reflexão são o hegeliano-marxismo e o pensamento individualista-liberal; ou seja, o trabalho imaterial se apresenta como um modelo geral do processo de evolução social, indiferente ao quadro espaço temporal ao qual ele se aplica. O ensaio põe por terra a crença no progresso e renuncia às filosofias da história como capacidade de criticar as formas materiais de construção do fazer produtivo sejam elas individuais ou coletivas.

O segundo traduz o ponto de vista sociológico. Nele fica expressa a consciência de que os processos de modernidade favoreceram a emergência de outra estética e de novos antagonismos na sociedade industrial. Nesse sentido, o autor aponta para um “desencantamento” do mundo e para um certo pessimismo que, se poderia dizer, weberiano, já profetizado por este ao julgar a modernidade ocidental.

O terceiro ensaio diz respeito às estratégias do empreendedor enquanto protagonista desta nova forma de organizar os fluxos do trabalho em rede.

No que diz respeito à produção, a preocupação principal do empreendedor não é gerí-la, mas defendê-la, estruturar as redes produtivas que já existem independentemente dele. A sua relação com as redes é do tipo político, no sentido de que sua função fundamental não é mais aquela de organizar “tempos e métodos” do trabalho da fábrica ou de determinar as diferenciações de produtividade por meio de inovações produtivas (como fazia o empresário clássico ou shumpeteriano), mas de proporcionar a “construção” social do mercado, em tecido produtivo autônomo.

“As características que hoje melhor identificam o caráter especificam da função da empresa parecem ser a participação social, a fluidez das redes, a permanência dos circuitos. A localização da produção não tem senão uma importância parcial; a inserção nos circuitos terciários da finança e dos serviços é, ao contrário, decisiva (pag. 59).”

O quarto ensaio, o “*trabalho*”: *um novo debate para velhas alternativas e o quinto, Trabalho autônomo, produção por meio de linguagem e general intellect* tendem a se complementarem porque trazem à reflexão o debate sobre a “pós-modernidade”.

Nestes ensaios as transformações do trabalho são discutidas buscando qualificar o debate confuso sobre o processo de trabalho quando não se leva em consideração os contextos nos quais se objetivam as diferentes formas de organização do mesmo.

Segundo a leitura dos textos, poder-se-ia dizer que esta “confusão” está relacionada à uma outra, mais profunda, que concerne a interpretação do sentido da modernidade. Se o que se apresenta como pós-moderno se define, com efeito, como aquilo que vem depois do moderno, isto nos deixa entender de certo modo o fim da modernidade e os textos perguntam em que sentido existe efetivamente um fim da modernidade.

Os ensaios não pretendem resolver esta questão; eles se situam na linha da crítica do modelo industrial de desenvolvimento e explicitam certos aspectos da crítica contemporânea do liberalismo e da racionalidade. Parece-nos que o mais importante destes dois textos é o fato de apresentarem que as leituras sobre o trabalho não são homogêneas, mas que podem ser ideologicamente compartilhadas.

Para finalizar, o que caracteriza o conjunto dos textos é sem dúvida, uma profunda desconfiança em relação à racionalidade técnico - científica e de maneira geral as pretensões racionais de modelar os processos sociais em direção de um único sentido; desconfiança frente as pretensões de dar uma interpretação coerente ao sentido da história pela justificativa e legitimidade da ideia de progresso.